Figuras retóricas: A influência literária na narrativa da revista "piauí"[1]

Larissa Lauffer REINHARDT[2]
Faculdade de Sinop, Sinop, MT

Resumo

O jornalismo de revista não se vale da linguagem informativa padrão – com orações breves, palavras curtas, vocábulos usuais e verbos de ação –, mas utiliza construções peculiares e interpretativas, que não obedecem a regras estritamente definidas; pois, procuram a singularidade e expressividade do discurso. Para este fim, é comum o emprego de recursos literários como as figuras de linguagem. O presente artigo tem o intuito de averiguar as reportagens da sessão "chegada" da revista "piauí" para verificar que tipo de influência a linguagem literária exerce sobre sua narrativa e se o espaço de negociação entre jornalismo e literatura se configura verdadeiramente em Jornalismo Literário.

Palavras-chave

Linguagem Jornalística; Jornalismo Literário; Figuras de Linguagem.

1. Introdução

Comunicar significa significar, acima de quaisquer definições. Denota a transmissão de uma mensagem a outrem; em jornalismo, de informação produzida a ser interpretada. Para comunicar, é necessária uma linguagem, sistema organizado de signos que compõem um código, comum a todos os envolvidos no processo comunicativo. Cada veículo de comunicação tem uma linguagem própria, de acordo com o público alvo que procura atingir.

Por conseguinte, a revista, enquanto suporte, é diferente de outros meios de comunicação no que concerne ao estilo do texto, mais investigativo e interpretativo, menos objetivo e mais criativo. Marília Scalzo (2004), Sérgio Vilas Boas (1996) e Nilson Lage (2003) convergem em discurso quando consideram que a linguagem jornalística em magazines preocupa-se com a forma, no momento em que precisa oferecer um texto atraente ao leitor, também adepto de outras mídias.

---

[1] Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

[2] Jornalista, pós-graduanda e professora do Curso de Jornalismo da Fasipe, email: lala_jornalista@hotmail.com.

Desta forma, a linguagem jornalística, em sua função representativa de uma realidade observada, funciona como mediadora de uma relação dialética entre o sujeito e o mundo. Assim, a idéia de representação está intrinsecamente ligada à idéia de figuração, uma vez que a representação é um ato simbólico dado pelo processo de significação de algo. Para representar com eficiência, muitas vezes, é preciso relacionar simbolicamente o objeto, a fim de concebê-lo não apenas com veracidade, mas com estilo e isso é possível através das figuras de linguagem e tropos, que ampliam a dimensão semântica das palavras.

Os recursos de figuração são oriundos das obras literárias, mas amplamente utilizados na mídia. No decorrer da história do jornalismo e da literatura as inovações técnicas, tecnológicas e científicas mudaram os paradigmas regentes destes gêneros, alterando suas estruturas e linguagens. Com o resgate das origens de ambos e acompanhamento de sua evolução, se pode perceber que estão em permanente negociação de identidades, o que permeia a forma de contarem histórias.

Assim sendo, a utilização da linguagem literária complementando a linguagem própria do jornalismo é uma possibilidade de ampliar a riqueza semântica do discurso. Desde *O Cruzeiro* e *Realidade*, as revistas sempre tiveram maior facilidade em hibridizar esses dois gêneros para a construção de reportagens personalizadas, visto que o magazine cobre funções culturais mais complexas do que informar. Ele se caracteriza por trazer entretenimento, análise e reflexão.

2. A linguagem dos gêneros

A linguagem é a matéria-prima da narrativa e consiste em um conjunto de usos lingüísticos combinados de maneira sistemática para compor uma estrutura textual. Excetuando-se as mídias especializadas, a linguagem utilizada para veicular informação pressupõe um estilo preocupado com a heterogeneidade do público receptor. Vulgarismos e purismos não cabem na linguagem jornalística. O texto deve conter também alto grau de comunicabilidade, ou seja, tem de poder ser compreendido por receptores diversos, com repertórios diferentes. Segundo o *Manual de redação e estilo* de *O Estado de São Paulo* (OESP), “o estilo jornalístico é um meio termo entre a linguagem literária e a falada” (1990, p.16). O *OESP* ainda adverte os redatores para que evitem tanto a retórica e o hermetismo, quanto as gírias e o coloquialismo.

Além disso, a informação, como produto de escala industrial para consumo imediato, é voltada ao conteúdo e para que ele tenha real ênfase o texto deve ser escrito visando a exatidão de significado. Isso significa suprimir usos lingüísticos pobres em valor referencial, bem como aqueles de caráter ambíguo ou duvidoso.

> Os jornalistas precisam se comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes numa sociedade. Para atingir esse público heterogêneo, a linguagem jornalística deve possuir certos traços que vão no sentido de ser compreensível: a) frases curtas; b) parágrafos curtos; c) palavras simples (evitar palavras polissilábicas); d) uma sintaxe direta e econômica; e) concisão; e f) a utilização de metáforas para incrementar a compreensão do texto (TRAQUINA, 2005, p. 46).

Muitas vezes, o jornalismo se utiliza de manifestações típicas da fala para obter o envolvimento do leitor e manter sua atenção do texto. Elementos da linguagem falada presentes nas manchetes e no corpo de algumas notícias, por exemplo, projetam elementos emocionais que estimulam o processo de identificação do leitor com as histórias de interesse humano. Mas para obter uma comunicação eficiente e aceita no parâmetro social o ideal é associar estes dois registros de linguagem utilizando palavras, expressões e regras combinatórias possíveis no registro informal e aceitas pela norma culta da língua. Isso permite que a linguagem se adapte às transformações sofridas ao longo do tempo e possibilita sua aplicação em qualquer época ou região.

> Sobre esta base, a linguagem jornalística irá incorporar: a) neologismos de origem coloquial, sintéticos (fusca, frescão) ou de grande expressividade (dedo-duro, pau-de-arara); b)denominações de objetos novos, de origem científica ou popular (*leiser, vídeo-teipe (sic), orelhão*); c) metáforas com intenção crítica (senador-*biônico, mordomia*); atualizações necessárias (*roqueiro, malufista*); e) designações técnicas que precisem ser consideradas em sua exata significação para entendimento ou eficácia do texto (LAGE, 2003,p. 39) [grifo do autor].

No que concerne ao discurso do narrador ou redator da notícia, a terceira pessoa é predominante na linguagem jornalística. Isto porque o lugar de fala no jornalismo são os acontecimentos no mundo, algo exterior ao emissor, ao receptor e ao processo comunicacional em si. Há ressalvas, entretanto, quando o texto refere-se a reportagens-testemunho, crônicas e textos intimistas para pequenos grupos, por exemplo, muitas vezes redigidos na primeira pessoa do singular ou do plural.

Como, em geral, os receptores constituem um público heterogêneo e disperso, Nilson Lage é contra critérios particulares de qualificação no texto, "os adjetivos testemunhais e as aferições subjetivas devem ser eliminados" (LAGE, 2003, p.40). A adjetivação de determinado substantivo depende da experiência, valores, padrões e sensibilidade de quem redige. A menos que o texto esteja em um espaço opinativo, não cabe ao redator estabelecer juízos de valor sobre aquilo que escreve.

> A busca de enunciados mais referenciais, concretos, justifica muito do trabalho na apuração de notícias: a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo, vão ter, no texto, efeito de realidade, isto é, contribuir para a verossimilhança da história (LAGE, 2003, p. 42).

Por outro lado, Mayra Gomes (2000) afirma que a substituição de termos enriquece a significação, contribuindo para a descrição da realidade. Segundo a autora, esta substituição de termos atribui valores e cria sentidos contribuindo para a recriação da realidade que precisa ser decodificada no texto. Para Ana Rosa Dias (1996) a ambigüidade pode ser intencional e utilitária a gêneros jornalísticos menos ortodoxos. Segundo a autora, o discurso do jornalismo popular se constitui na tendência de explorar o sentido dúbio de palavras e expressões com a intenção de seduzir o leitor curioso. Em jornalismo, podem-se notar as figuras de linguagem como recursos lingüísticos de sinonímia. Trocadilhos com ditos populares e o uso de figuras de linguagem e tropos, como metáforas e comparações, são comuns no texto jornalístico, especialmente na abertura de reportagens da mídia impressa. Segundo o manual de *O Globo*,

> A comparação e a metáfora são recursos de estilo que enriquecem o texto. A comparação é sempre útil para situar a informação num terreno conhecido do leitor, como "o palácio do marajá é do tamanho do Maracanã" ou para aferir se um dado de valor ou medida é grande ou pequeno demais, exagerado ou insuficiente. E a metáfora dá graça ao texto. Para as duas, comedimento é indispensável. Usar uma metáfora no início do texto e voltar a ela no parágrafo final pode amarrar agradavelmente a matéria; mas insistir nela ao logo do texto inteiro quase sempre o tornará cansativo. E é de mau gosto misturar metáforas: "O candidato entrou na arena como um leão e, depois de muito lutar, chegou a um bom porto." É preciso decidir: o homem era fera ou navio? (2000, p. 27).

Além da comparação e da metáfora há outras figuras de linguagem originadas na literatura e incorporadas pelo jornalismo. Seguem alguns exemplos: a elipse e a metonímia são admitidas em nome da concisão; a hipérbole está presente em muitos

textos sensacionalistas para atrair a atenção do leitor; a analepse acontece na notícia quando a abertura do texto principal ou de um subtítulo enuncia o núcleo de interrese do fato e o restante do texto assume estrutura narrativa com base na temporalidade dos acontecimentos; e, a antítese aparece especialmente nas matérias de fait-divers.

Nota-se na linguagem jornalística uma série de elementos advindos da literatura e incorporados pelos Manuais de Redação. Isso significa que o jornalismo e a literatura possuem uma zona de convergência com relação aos elementos de linguagem. Apesar de voltados a objetivos distintos, muitas vezes é possível perceber que estes gêneros se apropriam mutuamente de recursos para enriquecer sua narrativa. O estilo literário, por sua vez, possui diferentes estéticas e algumas de suas escolas têm como característica intrínseca a transcrição da realidade exatamente como da forma que ela se apresenta, assemelhando-se muito com o modo de fazer e de falar do jornalismo.

Por conseguinte, a linguagem literária é feita de acepções conotativas com objetivo estético. O discurso da literatura é distante do discurso científico, que prima pela monossignificação. Por isso, Roland Barthes (2000) afirma que a linguagem literária está afastada do grau zero da escrita. Por grau zero da escrita entende-se, segundo o autor, um discurso obediente à norma usual da língua e preocupado, sobretudo, com a com a clareza da comunicação. A literatura, por outro lado, através da palavra, cria significantes e significados e apresenta seus próprios meios de expressão ainda que se valha do código lingüístico como ponto de partida. É um território semanticamente aberto.

A linguagem no contexto literário pode ser classificada, de acordo com Manuel Antônio de Castro (in ROGEL org., 1985), em diferentes níveis: o da linguagem situacional, o da linguagem artificial e o da linguagem simbólica. A linguagem situacional é a linguagem cotidiana, preocupada apenas em transmitir informações. Neste tipo de linguagem as palavras são decodificadas dentro do contexto da emissão e a situação cria o significado. Pode-se considerá-la uma tipologia coloquial. A artificial é arbitrária e racional. O significado neste tipo é pleno em clareza, não há ambigüidade. É a linguagem utilizada em textos científicos. Já a linguagem simbólica é uma linguagem conotativa, interpretativa. Neste caso a linguagem cria a situação e o significado. A possibilidade de criação é múltipla, porque esta é uma linguagem artística. Sobre o sentido e o estilo da linguagem, Manuel Antônio de Castro afirma:

> A linguagem seria o vigor, a força de todo o sistema, consistiria no sentido que o ser do homem se dá ao constituir-se historicamente. Seria a força que se manifesta ao se co-notar. A força da conotação se concretiza nas figuras: metáfora, metonímia, símbolo, alegoria, etc. Ao ato de co-notar, através das diferentes figuras, da ficção, os gregos denominaram mimésis. Levar adiante uma melhor compreensão da natureza da literatura é empreender uma tematização das figuras e da mimésis (in ROGEL org., 1985, p. 52).

A mimésis é um conceito amplo e não há unanimidade a respeito de seu significado. Correntes platônicas e aristotélicas tentam defini-la. O conceito de Aristóteles parece mais tangível. Ele pensava a mimésis como a unidade estruturante da metáfora. Seria a forma lingüística pela qual se representa um objeto, de forma que o entendimento desse objeto seja subjetivo e dependa da interpretação, oferecendo múltiplas possibilidades. Essa plurissignificação é oportunizada pelo uso da linguagem figurada ou indireta, que pode ser considerada uma hibridação da linguagem situacional com a linguagem simbólica.

> Diz-se *indireta* ou *figurada*, quando as palavras são empregadas no sentido translato, isto é, quando passam a significar algo que exprime uma relação de semelhança com o que elas traduziam primitivamente. [...] as palavras, nas suas relações, assumem formas mais complexas e irregulares. O fundamento da linguagem indireta é a comparação. Numa palavra: Todos os vocábulos, de que o homem se serve para exprimir o pensamento, teem (sic) um significado *próprio*, de acordo com a etimologia ou o uso consagrado. Entretanto, acidentalmente, podem vir a significar coisas inteiramente diversas daquelas para que foram criados (CRUZ, 1935, p. 79) [grifo do autor].

A linguagem figurada é formada por figuras de linguagem e tropos. Neste artigo, em razão do número limitado de páginas, não será possível definir cada um, por isso a maneira como se agrupam será delimitada e individualmente serão apenas citados.

Figuras de linguagem são os vocábulos tomados em sentido lato e de maneira expressiva quanto ao som, à estrutura, função e ordem, e ao sentido. Tropos são os vocábulos tomados no sentido figurado ou translato. Até o início do século XIX estes recursos faziam parte de uma disciplina chamada, por Aristóteles, *Retórica*. Esta matéria foi objeto de estudo de diversos pensadores. Aristóteles na *Poética*, Cícero no *De Oratore* e Quintiliano em *Institutio Oratória* abordaram o assunto com especial atenção.

Os tropos são elementos que implicam uma nova significação das palavras e recebem diferentes denominações de acordo com a relação entre o sentido próprio e o figurado. Entre os tropos mais citados nos livros de teoria literária estão: metáfora, metonímia, catacrese e ironia.

No que concerne às figuras de linguagem, primeiramente são estudadas as figuras de função sintática. Para Tavares (1969), são aquelas que provocam alterações na estrutura da construção da frase, seja pela inversão da ordem, pela repetição ou omissão de vocábulos ou pela função de transposição ou discordância dos vocábulos e expressões no texto. São elas: anadiplose, anáfora, antanáclese, antimetáble, epanadiplose, epanalepse, epânodo, epínome, epístrofe, epizeuxe, mesarquia, mesoteleuto, palilogia, pleonasmo, poliptoto e polissíndeto.

Quanto às figuras de construção por omissão de termo(s) tem-se a aposiopese, o assíndeto e a elipse. No que diz respeito às figuras de transposição há uma única consensual entre os autores consultados: o hipérbato. Passa-se, então, às figuras por discordância: anacoluto, enálage, hipálage e silepse. Já as figuras de linguagem de função fonética são aquelas que geram efeito com a repetição de sons ou com a imitação dos mesmos, gerados por seres ou coisas e reproduzidos no texto. A mais popular nessa categoria é a onomatopéia, mas estudou-se também o perequema, a aliteração, a assonância e a paronomásia.

Por fim, têm-se as figuras de linguagem de função semântica. Chamadas também de figuras de pensamento, apresentam sua consistência na idéia ou emoção que os vocábulos ou expressões devam traduzir. Compõe este grupo: acumulação, amplificação, antanagoge, antítese, aplicação, citação, apóstrofe, cominação, deprecação, comparação, descrição, dialoguismo, dubitação, exclamação, gradação, hipérbole, paradoxo, perífrase, preterição, prosopopéia, sinestesia, subjeção, suspensão e trocadilho.

As figuras de linguagem e tropos supracitados nasceram a partir da *Retórica* e, hoje, fazem parte da *Estilística*. São elementos pertencentes à literatura, mas incorporados por diversos discursos para enriquecer o significado do texto ou dar ênfase a um termo, entre outras funções. São vários os empregos – em nível semântico, sintático e fonético – desses recursos. Eles também já podem ser percebidos, mesmo que timidamente, nos textos jornalísticos menos ortodoxos, principalmente nas reportagens, que, atualmente, resgatam elementos da literatura e do jornalismo literário para atrair novos leitores e manter fiel seu público.

3. Características de um híbrido

A união entre elementos do jornalismo e da literatura deu origem a um gênero híbrido, o Jornalismo Literário ou Narrativo. Este gênero tem conceito amplo e significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos do cotidiano, proporcionando uma visão ampla da realidade ao leitor, mas também comprometer-se com a cidadania, romper as amarras do texto burocrático e evitar os definidores primários[3]. Além disso, preocupa-se com a profundidade do relato e sua perenidade, mostrando as múltiplas faces do acontecimento, para construir uma história que possa permanecer no tempo, mostrando a situação de uma época.

> [...] defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da metamorfose. (...) Não se tratada oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. (PENA, 2006, p. 21).

De acordo com as definições do site da Academia Brasileira de Jornalismo Literário[4] (ABJL), a literatura de realidade ou jornalismo literário (JL) consiste na prática da narrativa sobre temas gerais empregando a reportagem sob conceitos espaço-temporais e de métodos mais amplos do que nos periódicos tradicionais. Utilizando recursos estilísticos marcados pela hibridação entre jornalismo e literatura o JL possui características próprias:

- Estilo pessoal – a narrativa do jornalista pode ser reconhecida pelo leitor por que seu texto tem personalidade.
- Precisão de dados e informações – o JL é caracterizado, por ser um estilo aprofundado de narrativa, o que pressupõe pesquisa, investigação, análise e interpretação. O foco é sempre direcionado ao objeto da reportagem.
- Uso de figuras de linguagem – recursos literários recorrentes para simbolizar a realidade como metáforas e ironias são comuns nesse tipo de texto.
- Linha temporal – em uma reportagem mais aprofundada e extensa o leitor precisa ser localizado temporalmente.

[3] Definidores primários são fontes de informação oficiais – autoridades e especialistas.

[4] Disponível em http://w.ww.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=. Acesso em 25 de novembro de 2009.

- Caracterização composta – técnica na qual determinadas características de pessoas de um mesmo grupo social com histórias semelhantes servem para construir uma única personagem.
- Relação repórter e objeto de reportagem – aqui o repórter deixa de ser um mero observador para participar da reportagem, há um envolvimento do repórter com o fato e ele passa a interpretar de forma mais ampla a realidade porque a conhece.
- Percepção de sutilezas – com mais tempo para a confecção da reportagem o profissional pode deter-se com mais atenção, cuidado e refino na apuração dos fatos. Além disso, essa técnica permite a utilização de técnicas narrativas como o diálogo, a construção de monólogos interiores – de personagens – e a descrição do ambiente com juízo de valor em um texto jornalístico.
- Entrevista – considerada um dos instrumentos mais poderosos do Jornalismo Literário, a entrevista característica do gênero é a entrevista diálogo, onde repórter e personagem trocam informações. Assim ela é focada mais no fator humano do acontecimento do que no fato em si.

4. A linguagem (figurada) de uma narrativa

Para analisar a hibridação de linguagens na revista "piauí", foram adotados procedimentos metodológicos da ordem das pesquisas exploratórias, mas com peculiaridades descritivas. O objetivo primordial foi o levantamento de dados que permitissem a caracterização da linguagem jornalística no magazine. Assim, a pesquisa bibliográfica serviu, em um primeiro momento, como fonte de coleta de informações. Estudos históricos foram utilizados para demonstrar a influência da linha do tempo nas linguagens do jornalismo, da literatura e do jornalismo literário. Posteriormente buscaram-se pontos de convergência nos discursos dos teóricos contemporâneos, para que fosse possível a delimitação de uma tipologia de linguagem própria a cada um dos gêneros e subgênero estudados.

Deve-se ressaltar que "piauí" foi escolhida para análise por ser frequentemente comparada com modelos de sucesso do jornalismo literário no mundo. Apesar disso, um dos idealizadores da revista, João Moreira Salles, é contundente ao assegurar que não há intenção em copiar modelos como o da afamada *New Yorker* e que a "piauí é mais Brasil". Para Salles é como se a bússola apontasse mais na direção da extinta *Realidade*, uma referência em reportagem jornalística dos anos 60 e 70. Mesmo assim, ele afirma

que jornalismo literário é um termo pretensioso e enfatiza que a "piauí" apenas considera a forma tão importante quanto o conteúdo[5].

> Realidade primou pelo texto solto que rompia com as fórmulas tradicionais do jornalismo no Brasil. Não chegou a atingir o grau de experimentalismo do *new journalism*, mas sem dúvida veiculou um texto de ruptura para com o próprio texto do jornal e da revista (LIMA, 1995, p. 172) [grifo do autor].

A semelhança da liberdade na forma de escrever entre as duas publicações talvez seja a grande marca de identificação entre elas. Assim como a *Realidade*, a "piuaí" tem na interpretação sua palavra-chave. A clareza e a riqueza de vocábulos também são aspectos marcantes da redação das matérias, que desnudam temas complexos e os contextualizam. A periodicidade mensal da revista é o que permite esse aprofundamento nas temáticas abordadas e a humanização dos relatos, que contam histórias triviais do cotidiano de forma poética. Esse diferencial lhe rendeu o sexto lugar entre as dez revistas mais admiradas do Brasil em 2009, segundo pesquisa realizada pelo jornal *Meio e Mensagem* em parceria com a *Troiano Consultoria de Marcas*[6].

A sessão "chegada" foi escolhida para análise porque é uma das três únicas sessões fixas da revista. E entre elas é a que possui a fórmula mais variável. A sessão "despedida" normalmente apresenta um perfil, por tratar de um fato ou personalidade que já encerrou uma etapa significativa de sua existência ou mesmo toda ela. A "esquina" é composta de vários textos que falam sobre temáticas diversas, mas não muito aprofundadas, é como uma sessão de notas de uma revista tradicional, mas bem mais ornamentada com elementos da linguagem literária. A "chegada", por sua vez, visa o novo ou o velho que se remodelou. O inusitado e o diferente são suas temáticas. Algo que "chega", seja uma tecnologia, alguém quebrando paradigmas, um fato curioso que se apresenta, por isso foi escolhida.

Neste trabalho, foi analisada a sessão "chegada" nas edições de julho a dezembro de 2009. Tratam-se de reportagens predominantemente narrativo-descritivas, procuram apresentar o tema abordado. Elas contam a trajetória do fato até sua eclosão e o descrevem porque, normalmente, é pouco conhecido. Assim, as reportagens se aprofundam mostrando detalhes curiosos e aspectos pouco convencionais. Portanto, não

[5] FREY, Luisa. João Moreira Salles fala sobre a revista Piauí. Disponível em: <revistapontoevirgula.wordpress.com>, acesso em 05 de dezembro de 2009.

[6] As 10 Revistas mais admiradas do Brasil 2009. Disponível em: http://lista10.org/curiosidade/as-10-revistas-mais-admiradas-do-brasil-2009/. Acesso em 15 de dezembro de 2009.

se tratam de matérias ao estilo noticioso, mas não chegam à grande reportagem típica do jornalismo literário. Sua estrutura é característica do jornalismo interpretativo, mas a linguagem vai além do estilo jornalístico e mesmo do jornalismo literário. É tão densa em significação que, muitas vezes, é preciso ler com um dicionário ao lado, para conseguir entender plenamente o que o emissor quis dizer com o que escreveu. Isso não é sinônimo de falta de clareza, o que acontece é a utilização de vocábulos incomuns.

4.1 Influência literária por meio da retórica

Começar-se-á falando das estruturas encontradas nas reportagens. A figura de linguagem da *descrição* – abrangendo os subtipos prosopográfica, cronológica, retrato, etopéia, histórico, caráter e topográfico – norteia a confecção dos textos. Percebe-se que eles não são apenas descritivos – nesse caso os acontecimentos não se desenvolveriam, apenas poderiam ser caracterizados no texto – mas, narrativo-descritivos e dissertativo-descritivos, sendo o primeiro predominante sobre o segundo. Dessa forma, a descrição nas reportagens analisadas é uma figura de linguagem que se configura na composição da reportagem, seja ela narrativa ou dissertativa.

Mas a descrição não é a única figura de linguagem que se percebe ligada à estrutura textual. Os *hipérbatos* do tipo parêntese foram verificados em grande quantidade e em todos os textos analisados. É importante frisar que o hipérbato não influi na classificação do estilo do texto. Ele pode ser percebido como elemento comum de toda a tipologia textual, seja ela jornalística, literária ou híbrida, independentemente da estética. Apesar disso, é presente nos textos e falar-se-á de sua função explicativa. Ele aparece na forma de aposto nos parágrafos de maior caráter dissertativo e cumpre a função de antecipar e elucidar possíveis questionamentos do leitor sobre o assunto abordado. Assim, o hipérbato e a descrição aparecem como elementos estritamente ligados à construção narrativa, embora sejam considerados recursos retóricos.

Feitas estas considerações acerca da descrição e do hipérbato quanto à interferência na estrutura das reportagens, abordar-se-ão os elementos ligados mais fortemente à linguagem. Começando pelos tropos, elementos que implicam uma nova significação das palavras e expressões. A *metáfora* é o tropo predominante nos textos. Foram verificadas diversas analogias metafóricas, com as quais os autores evitaram a repetição de termos e agregaram possibilidades interpretativas às reportagens. A metáfora apareceu freqüentemente ligada a outras figuras e tropos, como à *ironia*, criando significados contrastantes com a realidade; à *acumulação* e à *gradação*,

interferindo no significado de várias expressões concomitantemente e ajudando na criação do clímax da história; à *descrição*, ajudando a criar significados para os objetos descritos; e à *hipérbole* e à *metonímia*, em processos de significação de estereótipos. Verificou-se que as gírias do texto são *metafóricas* por apresentarem uma relação de símile da realidade. Percebeu-se também que a metáfora é, muitas vezes, utilizada para não deixar explicita a opinião dos autores.

A *metonímia* foi utilizada como recurso de sinonímia e apresentou as seguintes relações: a parte pelo todo, o singular pelo plural, a matéria para o objeto que lhe deu forma e a marca pelo produto. Já a *catacrese* serviu para designar termos que não existem, com o objetivo de clarear conceitos. Por sua vez, a *ironia* foi utilizada principalmente na forma de sarcasmo para debochar das situações.

Quanto às figuras de linguagem, inicia-se mencionando às de função sintática, aquelas que provocam alterações na construção das frases. Na categoria de figuras de linguagem por repetição ou excesso figuraram associadas a *epínome, a epizeuxe* e a *anadiplose* pois vocábulos foram repetidos com o intento de chamar a atenção.

As figuras por omissão foram bastante utilizadas no texto. Inúmeras *elipses* evitaram que vocábulos se repetissem desnecessariamente em nome da concisão. A *aposiopese* também figurou através das reticências, enquanto expressões de silêncio do autor. No que concerne à figura de transposição – hipérbato –, foi abordada anteriormente. Já com relação às figuras por discordância, a *silepse* apareceu apenas uma vez e isso demonstra que os textos têm apurada correção. A *onomatopéia* também foi a única a aparecer em sua categoria, função fonética, mas repetidas vezes e com bastante expressividade, conferindo humor e até mesmo clareza às idéias expressas no texto.

As figuras de linguagem de função semântica foram as mais empregadas ao lado dos tropos. A *acumulação* utilizou os recursos de aglomeração e seriação de características e situações para dar ênfase ao assunto abordado e ajudou a descrever os assuntos das reportagens. A *amplificação*, embora não citada no corpo dos textos, apareceu no desenvolvimento dos temas abordados através de exemplos e explicações pormenorizadas.

Por sua vez, a *antítese* mostrou a oposição de idéias e conceitos. A *apóstrofe* repetiu-se algumas vezes quando o texto dialogou diretamente com o leitor. Houve também *comparações* entre objetos para clarear conceitos. A *descrição* já foi abordada no começo deste tópico. Apesar disso, é interessante frisar que os subtipos histórico e

prosopográfico foram os mais recorrentes nos textos. O *dialoguismo* também figurou, mas preferiu-se caracterizá-lo como *apóstrofe* já que o diálogo aconteceu entre o autor e um ser real, o receptor.

A *dubitação* apareceu diversas vezes marcada pela interrogação e pelo uso de reticências, demonstrando as incertezas dos autores, suas hesitações e questionamentos. Por outro lado a *exclamação* marcou os momentos de surpresa, enquanto a *gradação* sinalizou o ápice dos textos (na maioria deles essa figura não foi sinalizada por apresentarem momentos de tensão e expansão). A *prosopopéia*, por sua vez, foi muito utilizada pelos autores, que deram vida a seres inanimados e fictícios. E a *sinestesia* misturou impressões físicas para caracterizar objetos. Há que se frisar que todos os textos analisados, mesmo aqueles que não apresentaram nenhuma frase marcadamente sinestésica, mesclam impressões provenientes de pelo menos dois sentidos: a visão (pela descrição) e a audição (através da citação da fala de personagens). Por fim, a *subjeção* também foi encontrada, através dos questionamentos seguidos de respostas verificados nos textos.

Dessa forma, se pode verificar que os tropos e as figuras de linguagem estiveram presentes tanto em quantidade – recorrentes e usuais – como em qualidade – atribuindo riqueza e densidade semântica – no texto. A linguagem das reportagens analisadas hibridizou os tipos situacional e simbólico para atribuir multissignificação às narrativas. Além disso, lhes conferiu uma estética própria, onde a voz autoral é percebida, embora obedeça a um estilo de redação, e a conotação é visada para enriquecer a forma. Deve-se frisar também que a sessão "chegada" não perde de vista a importância do conteúdo em detrimento da forma. Uma afirmação ratificada pelo grau de minúcia com que os textos são descritos, pela contextualização dos fatos e a busca de sua origem histórica, mas também pela interpretação dos acontecimentos.

5. Considerações Finais

No decorrer deste trabalho procurou-se reunir informações para desvendar as influências do jornalismo, da literatura e do Jornalismo Literário nas páginas da revista "piauí". Para isso, foi preciso revisar conceitos, estudar métodos de captação de informações e de construção textual. Historicamente, nota-se momentos de aproximação e distanciamento entre os gêneros jornalismo e literatura, tanto na narrativa quando na linguagem das mídias, em especial as impressas.. Assim, a negociação de identidades no território compartilhado por eles deu origem ao Jornalismo Literário. Entretanto, com as

reportagens analisadas se pôde perceber que o JL não é a única forma de convergência desses saberes: o texto de um produto jornalístico pode possuir grau considerável de literariedade sem ser considerado (ou confundido com) Jornalismo Literário.

Mesmo os teóricos mais conservadores do jornalismo, como Nilson Lage, admitem que o jornalismo de revista – através da prática da reportagem – tem maior liberdade do que outros tipos jornalísticos no que concerne à linguagem. Isso se confirma também no dizer de Marília Scalzo, Sérgio Villas Boas e Oswaldo Coimbra. Ainda assim, eles afirmam que o jornalismo deve utilizar com parcimônia os recursos literários. Por outro lado, Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena, além do americano Tom Wolfe, falam do Jornalismo Literário como uma tipologia aberta à influência da literatura, desde que advinda do Realismo-Naturalismo. Contudo, o que se verifica nas reportagens analisadas não condiz com estes discursos, mas comprova uma

apropriação dos elementos estéticos do Simbolismo para conferir riqueza e densidade semântica às reportagens.

Assim, os registros das figuras de linguagem e tropos, bem como a grande quantidade de adjetivos, advérbios, gírias e expressões coloquiais encontrados no texto não são suficientes para caracterizá-lo como jornalismo literário, uma vez que as ferramentas utilizadas na construção das narrativas não correspondem ao JL. As reportagens analisadas têm uma construção enquadrada no Jornalismo Interpretativo, mas os elementos encontrados na sessão “chegada” extrapolam os limites da linguagem do mesmo, superando ainda o Jornalismo Literário e a influência do Realismo-Naturalismo, para assemelharem-se à estética literária Simbolista, o que impede a classificação dos textos analisados em um único gênero ou categoria pré-definidos.

Referências Bibliográficas

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**: seguido de novos ensaios críticos. Traduzido por Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

CRUZ, E. **Teoria da Literatura**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1935.

DIAS, A. R. F. **O discurso da violência**: as marcas da oralidade no discurso popular. São Paulo: Educ/Cortez, 1996.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Novo Manual de Redação**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1992.

GOMES, M. R. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker/Edusp, 2000.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: UNICAMP, 1995.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de redação e estilo**. São Paulo: OESP, 1997.

O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. 27. ed. São Paulo: Globo, 2000.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROGEL, S. (org). **Manual de Teoria Literária**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TAVARES, H. Ú. C. **Teoria Literária.** 4. ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1969.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005. (Teorias do Jornalismo v.1; v.2)

BOAS, S. V. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1986.

Documentos Eletrônicos:

LIMA, E. P. Conceitos. Disponível em http://w.ww.abjl.org.br/index.php?conteudo=Conceitos&lang=. Acesso em 25 de novembro de 2009.

FREY, L. João Moreira Salles fala sobre a revista Piauí. Disponível em: <revistapontoevirgula.wordpress.com>, acesso em 05 de dezembro de 2009.

Azamor, T. As 10 Revistas mais admiradas do Brasil 2009. Disponível em: http://lista10.org/curiosidade/as-10-revistas-mais-admiradas-do-brasil-2009/.Acesso em 15 de dezembro de 2009.

Revistas Pesquisadas:

piauí, Nº 34, julho de 2009. A plenos pulmões.

piauí, Nº 35, agosto de 2009. O lixo da Inglaterra é nosso!

piauí, Nº 36, setembro de 2009. Damas ao ringue.

piauí, Nº 37, outubro de 2009. Fraldas na prisão.

piauí, Nº 38, novembro de 2009. A onda turbulenta que veio para ficar.

piauí, Nº 39, dezembro de 2009. Antes de copular, orai.